

HISTÓRIAS SÁFICAS NÃO CONTADAS: UM RECORTE NAS SUBJETIVIDADES LÉSBICAS AFETADAS POR PRODUÇÕES NARRATIVAS

Ariane Corrêa Ferreira¹

Marília Meneghetti Bruhn²

RESUMO: Ao longo da existência do entretenimento, a vivência humana é representada de forma similar à vida real para divertir e emocionar os espectadores. Entretanto, no caso de mulheres lésbicas, a mídia acaba as retratando de forma estereotipada, atribuindo-as frequentemente um final trágico de solidão, conversão ou suicídio. O objetivo desta pesquisa é analisar como essas narrativas hegemônicas impactam nas produções de subjetividades lésbicas. Essa pesquisa qualitativa utiliza-se de uma metodologia cartográfica, na qual rodas de conversa com mulheres lésbicas são registradas em diário de campo. Por fim, o estudo indica que as representações midiáticas afetam a percepção de lésbicas sobre si mesmas, patologizando suas subjetividades e contribuindo para a negação da própria orientação sexual.

Palavras-chave: mídia; representatividade; lésbicas; subjetividade; narrativas;

ABSTRACT: Through the existence of the entertainment industry, human living is represented in a similar way to real life to amuse and thrill the audience. However, in the lesbian woman scenario, the media ends up portraying them in a stereotyped way, assigning frequently to them a tragical ending based on loneliness, conversion or suicide. This research proposes to analyze how this hegemonic narrative impact on lesbian's subjectivities production. This qualitative research uses a cartographic method, where yarning circles with lesbian women are registered on a field journal. This study concludes that mediatic representations affect the lesbian's perception about themselves, pathologizing their subjectivities and contributing to a denial of their own sexual orientation.

Key-Words: Media, Representativity; Subjectivity; Feminism; Narratives;

¹Possui graduação em Psicologia pela Universidade Franciscana e atualmente realiza Mestrado de Ensino de Humanidades e Linguagens também na Universidade Franciscana com o auxílio da CAPES. Tem interesses pelas temáticas relacionadas a gênero, sexualidade e psicologia social

²Psicóloga; Mestra e Doutoranda em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional (PPGPSI) da UFRGS. É professora assistente da Universidade Franciscana (UFN) e integra o Grupo de Estudo em Psicologia Social, Políticas Públicas e Produção de Subjetividades (GEPS/UFRGS).

INTRODUÇÃO

Desde os primórdios da história, o ser humano busca de alguma forma representar a vida através da arte. Seu começo é através de antigas pinturas rupestres que, por meio de desenhos em cavernas, descreviam cenas de caças e do dia a dia dos humanos que viviam naquele lugar, ou até mesmo a imaginação de planos e possibilidades de situações e contextos (Gondim, 2012). Com o evoluir do tempo, essas representações saíram das paredes das cavernas e ganharam vida em palcos de teatros e apresentações de rua, para em seguida na modernidade tomarem as telas gigantes de cinemas e pequenas telas de televisores e monitores.

A necessidade de contar histórias através das encenações se manteve com o passar do tempo e, atualmente, grandes produções cinematográficas lucram com diversas pessoas buscando formas de entretenimento que as agradem, as façam se sentir parte de uma história e que provoquem uma identificação com o que é contado. Tal fato é evidenciado quando olhamos para a história da criação de narrativas no contexto televisivo, como por exemplo diria Barbosa (2007), quando fala que as narrativas televisivas são construídas de uma forma extravagante, mas ainda representando o dia a dia daquele que consome esse tipo de mídia, logo então, atraindo uma audiência através da identificação. Barbosa (2007) ainda complementa ao dizer que a coloquialidade, a simulação de conversas e a estruturação de personagens tirados do ordinário não são somente demonstração de uma vivência familiar dos espectadores, mas sim uma demanda deles para que possam construir, a partir disso, seus próprios desabafos.

Partindo desse pressuposto, entendemos então que diversos públicos demandam variadas histórias para se sentirem representados quando buscam entretenimento, e aqui discorre-se sobre um desses públicos, o público lésbico, sendo lésbica o termo utilizado para designar mulheres que se identificam como mulheres e se relacionam sexual e afetivamente com outras mulheres, segundo o Ministério da Saúde (2013). Tal público enfrenta uma imagem criada de forma que moraliza suas existências, colocando-as como “erradas” ou “impuras”, como aponta Louro (2008) ao descrever dois filmes com 40 anos de diferença, *Calúnia*, de 1962 e *Notas Sobre um Escândalo*, de 2006, em que as

personagens sáficas³ recorrem ao suicídio ou à reclusão por conta de suas práticas consideradas repulsivas.

Este padrão de história ocorre em larga escala na mídia *mainstream*, que segundo Santos et al. (2017), trata-se do nome que se dá a uma tendência, algo que domina o mundo das artes justamente por ser agradável à grande parte da população, sendo considerada uma mídia usual e familiar e distribuída através da tecnologia, alcançando assim o sucesso. Sendo assim, o público do *mainstream* recebe em grande escala uma interpretação trágica, enquanto as representações menos moralistas acabam por ser escanteadas para plataformas que dificilmente alcançam a maioria, como a websérie *Carmilla*, produzida pelo canal do Youtube KindaTV (2014), ou *Wynonna Earp* (2016), reproduzida inicialmente pelo canal de televisão SyFy.

Podemos considerar essas representações uma consequência do que é o objetivo principal de retratar casais lésbicos, para agradar um público majoritariamente masculino e heterossexual, que vê a minoria lésbica como um recurso de entretenimento e ponte narrativa para as histórias, não como a expressão do contexto daquela vivência. Essa ideia também é reforçada por Moreno (1995), o qual afirma que as representações de relacionamento feminino são construídas em cima de uma ideia fetichista de ser apenas uma aventura entre duas mulheres, com as histórias tendo a intenção de agradar ao público masculino que fantasia com a possibilidade de ter não apenas uma, mas duas mulheres para satisfazê-lo. Pensando nos afetos provocados nas pessoas que têm suas histórias contadas por narrativas e a representação lésbica estereotipada por olhares que não são daquelas que vivem tal história, nos surge uma questão inquietante: como as narrativas hegemônicas sobre relações lésbicas entre mulheres afetam as produções de subjetividades de mulheres lésbicas?

Em minhas⁴ reflexões, me remeto a memória de fazer parte desse parâmetro e por muito tempo ter uma identificação com personagens cuja história tinha um final trágico ou condizente com uma realidade que agradaria a uma maioria que não me inclui, uma história que vê a minha vivência como um defeito, logo não digna de ser narrada. Isso

³ O termo “sáfica” é utilizado para mulheres que se atraem sexualmente e afetivamente por outras mulheres, podendo ou não se considerarem mulheres lésbicas (REDAÇÃO, 2022).

⁴ Os trechos em primeira pessoa do singular se referem a experiências pessoais da primeira autora do presente artigo, a qual se identifica como uma mulher cis lésbica.

sem mencionar contextos aos quais não me insiro, como a experiência de mulheres lésbicas trans e negras, aos quais as restrições nas narrativas vão muito além da sexualidade.

Tendo em mente que essa representação estereotipada retrata uma cultura predominantemente homofóbica⁵ e lesbofóbica, passa-se então uma imagem de que o relacionamento lésbico não é bem-vindo em sociedade, reforçando então a ideia de inadequação à telespectadora que busca ali uma forma de aceitação ou até mesmo uma forma de ter a própria existência reconhecida. Conforme afirmam Carvalho e Bensen (2018), o achatamento e a secundarização de personagens lésbicas, gays, bissexuais e transexuais (LGBT) traz como resultado a impossibilidade de certas estruturas e representações, colocando-as como impraticáveis e inexistentes socialmente.

Segundo Oliveira e Vedanna (2020), a desesperança alimentada por decepção constante é considerada uma grande causa para comportamentos destrutivos no meio LGBT, podendo levar ao abuso de substâncias e até mesmo ao suicídio. Assim, a junção da experiência da lesbofobia e a falta de representação em meios de comunicação de grande visibilidade para a vivência lésbica, pode levar a pessoa a um frequente desencanto com sua própria existência, tornando-a exaustiva, e provocando o adoecimento ao longo do tempo.

Levando essas observações em consideração, este trabalho tem como foco estudar as narrativas hegemônicas sobre mulheres lésbicas em obras midiáticas, e os impactos em suas espectadoras com relações lésbicas. Sendo assim, analisamos as narrativas hegemônicas sobre as relações entre mulheres e como elas afetam as produções de subjetividades de mulheres lésbicas.

Para isso, identificamos as histórias únicas sobre relações lésbicas entre mulheres, buscando compreender as diversas formas de performar⁶ a lesbianidade. Investigamos

⁵ Homofobia é o termo utilizado para designar uma espécie de medo irracional diante da homossexualidade ou da pessoa homossexual, inclusive da lésbica, colocando esta em posição de inferioridade e utilizando-se, muitas vezes, para isso, de violência física e/ou verbal (ESCOLA, 2022).

⁶ O conceito de performance que Judith Butler traz em suas reflexões elucidada que *performance* de gênero é uma ação imposta por práticas reguladoras de sua coerência. Em outras palavras, *performance* seria uma contingência radical, um modo de agir que pode, ou não, ser coerente com os ideais de uma sociedade (BUTLER, 1990).

também as formas que as narrativas hegemônicas interferem nas produções de subjetividade e como mulheres lésbicas contam as suas experiências de ter histórias sobre sua orientação sexual narradas no município de Santa Maria, no Rio Grande do Sul.

MAS COMEÇANDO PELO COMEÇO: O QUE É A LESBIANIDADE?

Ainda que possa parecer uma pergunta muito simples de responder, a lesbianidade vai muito além de uma definição de uma linha em um dicionário qualquer, e a partir disso buscamos discorrer sobre as diversas formas de se constituir como lésbica.

Segundo a definição do Ministério da Saúde em 2013, em uma cartilha feita para discutir direitos, saúde e participação de mulheres que se relacionam com mulheres:

A palavra lésbica vem do latim *lesbius* e originalmente referia-se somente aos habitantes da ilha de Lesbos, na Grécia. A ilha foi um importante centro cultural onde viveu a poetisa Safo, entre os séculos VI e VII A.C., muito admirada por seus poemas sobre amor e beleza, em sua maioria dirigidos às mulheres. Por esta razão, o relacionamento sexual entre mulheres passou a ser conhecido como lesbianismo ou safismo (BRASIL, 2013).

Apesar de sua descrição ser baseada em uma poética história grega, a história ao longo dos anos da lesbianidade passou por diversas lutas para ser reconhecida como válida e possível de vivência. Vemos exemplo disso inclusive em suas simbologias e bandeiras, como a bandeira *Labrys*, que conta com um triângulo preto invertido, usado na Alemanha Nazista para classificar condutas que não estavam de acordo com a sociedade da época. Segundo Souza (2021), a lesbicidade era desprezada, e só não chegou a ser criminalizada pois mulheres eram vias de reprodução da raça.

Por muito tempo tal violência se manteve em diferentes níveis, mas, gradativamente, pequenas conquistas foram sendo adquiridas pela comunidade LGBT, logo, para a comunidade lésbica também, como a retirada da homossexualidade como patologia da Classificação Internacional de Doenças (CID), em 1985 (Mello et al, 2012), ou a suspensão de práticas de reversão de sexualidade, ou “Cura Gay” como famosamente é conhecida, seguindo a Resolução do Conselho Federal de Psicologia (CFP) nº 001/99 de 1999. Apesar dessas conquistas, há relatos da prática de patologização de lésbicas em anos recentes, como por exemplo uma notícia do G1 de cassação de registro de uma

psicóloga que oferecia “cura” para a homossexualidade, inclusive para a lesbianidade, datada em 2022. (Galvão, 2022)

O preconceito não se finda com a criação de leis e regras, ele apenas muda de forma, surgindo de maneiras mais sorradeiras, como o julgamento em cima de lésbicas que performam a masculinidade, conhecidas como *Butches*, e das que performam a feminilidade, conhecidas como *Femmes*. Segundo Amato et al. (2021), essas duas formas de performar a vivência lésbica são vistas como inválidas, uma vez que a mulher *Butch* é uma afronta a figura feminina e delicada, e por isso é considerada necessária sua aniquilação, enquanto a *Femme* precisa ser resgatada, pois foi induzida a ter tal comportamento e está confusa.

Além do núcleo social, a mulher lésbica também sofre preconceito dentro de sua própria família, como relatam diversos depoimentos na publicação do CFP (2019) intitulada *Tentativas de Aniquilamento de Subjetividades LGBTIs*. Nesse livro, por exemplo, há o relato de uma mulher lésbica, cis, negra de 46 anos ao contar que sua mãe fez um grande escândalo ao descobrir que ela fora visitar uma namorada escondida. Nesse depoimento, tal informação foi dada pelas suas irmãs, mas ela sabia que seus irmãos e vizinhos também a vigiavam para que não pudesse se relacionar com outras mulheres.

Sedgwick (2007) também coloca em perspectiva a ideia de que a homossexualidade, apesar da pessoa ser abertamente homossexual, ainda assim passa por momentos em que há a necessidade de “sair do armário” novamente perante novas pessoas, novos contextos sociais onde elas conhecem pessoas diferentes que esperam delas um padrão heterossexual. Dessa forma, se pensarmos em um contexto de lesbianidade, mesmo quando há um espaço seguro para a expressão da sexualidade, ainda assim haverá situações e contextos em que elas terão uma censura inicial por não saber o que esperar da sociedade.

Dito isso, podemos perceber a expressão da sexualidade lésbica como um ‘problema’ que surge no passado, mas se estende até os dias atuais, mudando o jeito de se manifestar, mas nunca deixando de tentar apagar a existência dessa forma. Logo, ser lésbica também é ser resistente, é resistir às tentativas de aniquilar a lesbianidade através da cultura e de comportamentos que são reforçados e representados nas séries e filmes



que vemos até hoje. Entretanto, surge uma dúvida dessa colocação: o que queremos dizer com aniquilar?

ANIQUILANDO A SAPATÃO: O CONCEITO DE HISTÓRIA ÚNICA

Paramos aqui para pensar sobre o que constitui o sujeito, sobre o que constrói sua identidade e o que o faz ser quem ele é. Logicamente isso vai muito mais longe do que seu nome; não se conhece alguém sabendo apenas como ele se chama, mas sim, sabendo a sua história. Temos em mente que cada pessoa tem sua própria história, e para fins de entretenimento seria impossível representar cada história particular de cada pessoa nos filmes e seriados que surgem. No entanto, essas produções acabam por repetir exaustivamente as mesmas narrativas mesmo quando poderiam construir outras histórias. Logo, contam histórias com contextos diferentes, mas acabando por repetir aqui e ali algum tipo de final ou comportamento de personagens.

Sendo assim, surge a ideia de história única que, segundo Adichie (2009), é a história contada apenas por um ponto de vista sem considerar sua pluralidade, anulando suas diversas formas de existir e, ao se repetir em diferentes meios, ensinando ao público que assiste que só há uma narrativa para aquele tipo de existência.

O conceito de história única se refere, então, a uma história que é repetida inúmeras vezes a ponto de se tornar a única realidade conhecida para quem a ouve. Essas histórias são comumente repetidas por pessoas que não vivem tal realidade, mas continuam reproduzindo o que se percebe como uma narrativa que irá agradar a maior parte do público. uma narrativa hegemônica que, segundo Passos et al. (2019), é uma narrativa feita e voltada para aqueles que performam um sujeito político ideal, que na visão eurocêntrica seriam brancos, cisgêneros, homens e héteros, e justamente por serem nichos dominantes, acabam por negligenciar as histórias e existências de pessoas negras, trans/não-binárias, lésbicas e gays.

Podemos considerar que esse papel único e trágico comumente imputado nas personagens lésbicas advém de uma narrativa que dá suporte ao que chamamos de heterossexualidade compulsória. De acordo com Rich (2010), a heterossexualidade compulsória se baseia em direcionar à mulher lésbica o ódio ou a invisibilidade, levando em conta uma consideração distorcida de que a lésbica só se apresenta dessa forma para

demonstrar sua amargura pelo sexo masculino. Essa concepção parte da perpetuação do destaque do sujeito político ideal, portanto, o que fugir dessa narrativa heteronormativa, branca e cisgênero, acabará por ter menos alcance, logo, menos conhecimento por parte da grande massa.

Tal conduta acaba por não dar visibilidade para outros sujeitos da sociedade, escanteando suas histórias e não permitindo que elas sejam expostas quanto vivência e realidade. Isso porque grande parte da mídia é produzida justamente pelos tais políticos sujeitos ideais, que não cedem nem o lugar de protagonista, nem o lugar de direção (Machado, 2017). De acordo com Machado (2017), o protagonismo feminino é 22% mais baixo que o masculino em filmes *mainstream*, e ainda menor quando a equipe de diretores é exclusivamente masculina, tornando assim apenas 13% deles com protagonismo feminino.

Uma prática excludente como essa evita que muitas histórias e problemáticas femininas sejam exploradas, justamente porque seu ponto de vista não é levado em conta. As histórias são contadas a partir de um único olhar nesses casos, o olhar masculino sobre o que é a mulher, o papel que ela deve representar ao lado do homem protagonista e quem ela deve ser quando os holofotes estão sobre ela. Essa questão é excelentemente abordada por Ribeiro (2019) em seu livro *O que é Lugar de Fala?*, onde apesar de estar majoritariamente questionando o papel que a mulher negra representa, também aborda a questão da mulher de forma interseccional.

Se não se nomeia uma realidade, sequer serão pensadas melhorias para uma realidade que segue invisível. A insistência em falar de mulheres como universais, não marcando as diferenças existentes, faz com que somente parte desse ser mulher seja visto (Ribeiro, 2019, p. 43).

Ribeiro (2019) também aponta que uma solução para esse problema seria o deslocar imediato do pensamento hegemônico e uma redefinição identitária do sujeito relacionado a sua raça, sua classe, seu gênero, e aqui nos permitimos adicionar o quesito sexualidade também. O objetivo é dar visibilidade a outros lugares de fala que possibilitem o reconhecimento daqueles que são considerados subentendidos dentro do contexto hegemônico.

Dessa forma, a mudança de foco e a possibilidade de ser vista e representada de mais de uma maneira ajuda a criar uma história diferente, com finais diferentes, finais que podem ser felizes ou tristes, mas que ainda criam um espaço de identificação que não afetam de forma estigmatizante uma formação de subjetividade, uma visão de futuro, uma criação de história. Por isso, é importante entender como as narrativas únicas afetam tais pontos e de que forma isso pode acontecer através das mídias de entretenimento.

NÓS MERECEMOS OUTRAS HISTÓRIAS: AS SUBJETIVIDADES LÉSBICAS AFETADAS PELA MÍDIA

Já sabemos que a existência da lesbianidade em suas variadas formas traz um desconforto para os padrões sociais, o que causa constantes censuras, e as representações em filmes e séries acabam por ser limitadas, seja por histórias com apenas um ponto de vista ou por não haver uma grande participação das mulheres na indústria cinematográfica, trazendo como consequência a falta de conteúdos sáfcicos que condizem com as diversas realidades da mulher lésbica. Mas de que forma isso afeta quem assiste tais representações? Uma forma de encontrar a resposta para essa pergunta seria analisar as consequências da morte de Lexa, uma personagem lésbica muito apreciada pelo público sáfcico que acompanhava o seriado em que ela existia.

Para adicionar um contexto, Rodrigues (2022) descreve Lexa como uma personagem recorrente no seriado *The 100* a partir da segunda temporada, demonstrando interesse romântico na personagem principal Clarke, e juntas elas constituem um relacionamento que ganha destaque com o público por ser tratado de forma natural. Entretanto, devido a assinatura de um contrato com outra série feito pela atriz que fazia a Lexa, os fãs da série começaram a desconfiar de um possível fim da personagem, algo que foi negado pelos produtores da série e reforçado pelo diretor ao divulgar fotos da atriz participando do último episódio da temporada. A descrição de Rodrigues (2022) ainda expõe os momentos finais da personagem, que é assassinada minutos após ter um desfecho romântico com sua parceira, por um tiro disparado pelo seu guardião e guerreiro de confiança.

Andrade e Vianna (2017) apontam ainda mais um detalhe agravante nessa cena ao descrever o diálogo antecedente ao assassinato de Lexa, que demonstra uma desaprovação do Guardiã ao seu relacionamento com Clarke e reforça uma ideia de que o amor entre as duas mulheres deveria ter a morte como resultado. Lexa então não morre em batalha, fazendo jus ao título de grande guerreira que demonstrou ser durante toda sua jornada na série, ou liderando como a admirável comandante que todos respeitavam; ela morre por finalmente estar junto da mulher que amava.

O assassinato dessa personagem foi tão impactante que se tornou o pontapé inicial para um acordo chamado *LGBT Fans Deserve Better*⁷, que busca um comprometimento com produtores da indústria cinematográfica a não assassinar um personagem LGBT apenas para alavancar a história de um personagem heterossexual, mostrando assim que há um descuido na apresentação de personagens do meio LGBT (Andrade, Vianna, 2017.).

Tais mortes afetam de forma direta as produções de subjetividades de mulheres que assistem suas representações em tela. Segundo Silva (2009), a subjetividade é a parte da construção do indivíduo que propicia uma forma de se tornar único em buscas nas produções humanas, através de um ponto de vista determinado. Em outras palavras, as subjetividades sáficas podem ser influenciadas através de produções midiáticas que as representam nas histórias que contam, e se as histórias contadas passam a ideia de que é errado ou perigoso ser quem elas são, isso influencia na forma que elas se reconhecem e se expressam como lésbicas.

Segundo o estudo de caso dinamarquês escrito por Petersen e Danielsen (2017), um relato de uma lésbica que assistia a série fala sobre como a morte de Lexa a fez voltar aos seus 19 anos, quando ela se sentia perdida e confusa, a procura de alguém que parecesse ou agisse como ela na televisão, e quando essa identificação se foi, ela sentiu como se o trauma de se revelar lésbica tivesse voltado, se sentindo sozinha novamente.

Ainda nesse mesmo estudo de caso, Petersen e Danielsen (2017) citam diversos outros depoimentos que falam sobre como a morte de Lexa afetou negativamente a percepção de ser uma mulher lésbica, como por exemplo o de Lucy Brown, que relata o

⁷ Em tradução livre: Fãs LGBT merecem algo melhor.



motivo pelo qual a morte da personagem foi tão dolorosa, dizendo que a segurança e a validação que a personagem trazia foi destruída de um jeito trágico e violento.

Apesar do grande foco em Lexa, que foi um grande marco para a reivindicação de melhores tratamentos em seriados e representações LGBT, ela não foi a única lésbica a ser morta de maneira fatídica. Segundo Carvalho e Bensen (2018), há um imenso contraste de representações, sendo 18.000 de personagens considerados heterossexuais em 2016, contra 383 personagens mulheres LGBT, sendo que 162 dessas personagens foram mortas, e apenas 29 tiveram finais sem grandes tragédias.

PERCURSO METODOLÓGICO CARTOGRÁFICO: ACOMPANHANDO RODAS DE CONVERSA COM UM DIÁRIO DE CAMPO

Este trabalho caracterizou-se como uma pesquisa exploratória qualitativa, que tem como objetivo dar uma visão geral, do tipo aproximativa, em cima de certas questões, sendo realizada quando o tema abordado tem uma baixa exploração e se torna complicada a realização de hipóteses precisas (Gil, 2008).

Escolhemos esse estilo de pesquisa também por sua falta de rigidez em seu processo, sendo então construída através de levantamentos bibliográficos e documentais, entrevistas não padronizadas e estudos de casos (Gil, 2008). Pensando nisso, a proposta foi proporcionar um espaço acolhedor para aquelas que se sentiram afetadas pelas narrativas que as mídias de entretenimento divulgam hegemonicamente sobre as mulheres lésbicas. A ideia foi construir uma roda de conversa para poder ouvir as interações que essas mulheres tiveram com as suas representações na mídia, e como isso afetou as produções de subjetividades enquanto mulheres lésbicas ao longo das suas vidas.

Segundo Figueiredo e Queiroz (2012), uma roda de conversa serve como recurso para o diálogo acerca de uma temática específica, proporcionando aos participantes um espaço de troca de experiências e histórias, onde se compreende e se é compreendido pelo outro. O intuito das rodas de conversa então se tornou documentar as experiências que surgiram, e embasar, através de teorias e pesquisas bibliográficas, a importância de um cuidado ao representar essa parcela da sociedade na mídia em geral.

O método de pesquisa utilizado foi o da cartografia, que Costa (2014) define como o exercício de pesquisar no encontro, em que tanto a pesquisadora quanto quem é pesquisado também afetam e são afetados por esses encontros. Nessa metodologia, o percurso metodológico vai se construindo durante a prática da pesquisa, os encontros poderão ocorrer ao acaso, sendo imprevisível o que vai acontecer em seu caminho. Assim, cartografar é acompanhar processos que estão em movimento, permeados por encontros, em um território.

As rodas de conversas tiveram como participantes 7 mulheres cis maiores de 18 anos, 5 estudantes de graduação e 2 já graduadas, auto-identificadas como lésbicas, que já tenham tido contato com narrativas figurando personagens sáficas e que desejaram participar dos encontros. O anúncio da roda de conversa foi recebido com muito entusiasmo e vontade de falar sobre o tema, uma vez que não havia oportunidades similares à proposta do grupo. Antes do início das rodas de conversa, as participantes assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido no qual foi garantido o anonimato e as próprias participantes puderam escolher seus nomes fictícios: DeGeneres, Margarita, Genevieve, Ceci, Adrienne, Dominique e Clairó.

Foram realizados quatro (4) encontros com a duração de uma (1) hora e trinta (30) minutos cada. O convite para participar das rodas de conversa foi feito através de *posts* nos *stories* do Instagram das autoras e do Diretório Acadêmico de Psicologia da Universidade Franciscana (UFN) no município de Santa Maria, Rio Grande do Sul. O local de realização dos encontros do grupo foi na própria UFN, e a última reunião foi realizada no formato online através da plataforma *Google Meet*. Algumas participantes também vieram a convite de suas parceiras e amigas que visualizaram o convite no Instagram.

Os depoimentos coletados nas rodas de conversa foram registrados em um diário de campo. O diário de campo é uma ferramenta que auxilia na visibilização de aspectos de integração entre as pesquisadoras e o campo no qual elas fazem sua pesquisa, através da descrição de seus procedimentos, do desenvolvimento das atividades realizadas e de alterações que podem acontecer ao longo da realização da pesquisa, além de ser útil para que o pesquisador tenha uma narrativa textual para suas impressões (Kroef et al. 2020).

Sendo assim, foram utilizados trechos do Diário de Campo como eixos para discussão que serão indicados ao longo da análise de dados por recuo e itálico.

ANÁLISE DO DIÁRIO DE CAMPO: COMPARTILHANDO EXPERIÊNCIAS E DISCUSSÕES

Para começar uma discussão no presente sobre a sexualidade, é interessante dar alguns passos para trás e olhar para o passado. Em “História da Sexualidade”, Foucault (1976) afirma que a sexualidade era usada para a reprodução apenas, seguindo os mandamentos de uma Igreja Católica conservadora. Por isso, qualquer tipo de relacionamento que contradizia as regras da religião vigente no final do século XVIII era considerado pecaminoso e digno de condenação; entre esses pecados, havia a homossexualidade, referida como uma prática não-natural (Foucault, 1976).

Com o tempo e com o surgimento do Iluminismo, os ideais católicos deixaram de ser o ideal de relacionamento estabelecido, e tem-se uma abertura para a prática da sexualidade de um modo mais liberto. Entretanto, volta-se o olhar para os perversos, aqueles cuja prática sexual era considerada fora de um normal aceito para a época. Para essas pessoas se volta um olhar julgador, condenante e patologizador, e entre eles, habita o ser homossexual. Com isso, a relação heterossexual continua em destaque, sendo a mais aceita socialmente, acabando por colocar a homossexualidade, inclusive a lesbianidade, em escanteio, uma prática que não deve ser reproduzida em público, mas que ainda existe em meios privilegiados como salas de aula ou dormitórios (Foucault, 1976). Essa inaceitação da prática da homossexualidade em público fica evidente na seguinte fala da participante da roda de conversa:

“Na minha época de colégio a gente não via muito, era muito escondido. Comecei a ficar com meninas depois de ter saído do ensino médio.”

DeGeneres, 2022

É válido apontar que, na “História da Sexualidade” de Foucault (1976), não há menções a lesbianidade ou a homossexualidade feminina como uma distinção da

homossexualidade masculina. Na obra foucaultiana, há a contextualização de como a homossexualidade em geral é percebida pela sociedade e há uma comparação à forma que as mulheres eram tratadas naquela época, em que sua sexualidade era reprimida a ponto de engatilhar neuroses, como a histeria por exemplo.

Em tempo, a sexualidade acabou virando pauta de estudos e reflexões de grandes teóricos da época, mas ainda era vista com maus olhos. Um exemplo disso é demonstrado em *Problemas de Gênero*, de Judith Butler, onde ela critica as interpretações de Riviere e Lacan que expressam a lesbianidade como a busca pelo reconhecimento masculino ou busca pelo poder do falo, e não a ocupação de uma interação na posição sexual (Butler, 1990,). Destaca-se também a interpretação freudiana, em especial, o ensaio “A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher”, de 1920, em que Freud entende a homossexualidade feminina como uma reação negativa ao enfrentamento do pai como resultado da fase edipiana, tendo a percepção de que a lesbianidade é uma afronta ao progenitor, uma forma de vingança.

Butler também aponta que há a necessidade de uma manutenção da sexualidade, pois em uma relação heteroafetiva a mulher se torna um patrimônio do homem através do seu sobrenome, além de ter a responsabilidade de dar seguimento a linhagem hereditária de seus genes e, por isso, tanto a identidade feminina quanto a lesbianidade não podem ser articuladas dentro desse sistema, pois colocariam em risco a identidade cultural masculina (Butler, 1990). Por conta disso, a expressão sexualidade sáfica é reprimida, como é descrito no relato abaixo:

“Não há uma divulgação, pois, a mídia não quer mostrar, a mídia não está em busca das lésbicas, parece que aterroriza, dá medo. O que viraliza também são coisas ruins, coisas que reforçam que mesmo sendo lésbica tem que se aproximar do molde padrão heteronormativo” Margarita, 2022.

“Meu gosto é bem específico para filmes, eu não encontro representação mais disfem em filmes, o único que consigo lembrar é Pariah.” Ceci, 2022.

Dessa forma, há a necessidade de uma performance de gênero que a mulher deve atuar para que a estrutura social seja manejada de acordo com a hierarquia heteronormativa imposta pela sociedade. Tal performance pode ser lida como heterossexualidade compulsória, uma terminologia que Judith Butler faz uso em suas reflexões ao constatar que há um binarismo entre as relações afetivas e seus componentes desempenham papéis designados de acordo com seu gênero, havendo um destaque falocêntrico e um silenciamento do feminino em suas múltiplas subversividades (BUTLER, 1990). Assim, Butler reafirma que em diversas instâncias da sociedade, tendo enfoque em relacionamentos sexuais e amorosos, a tendência é que o indivíduo entre e/ou incentive uma relação homem e mulher, ignorando as diversidades existentes.

“Eu me considerei bissexual por muitos anos, sinto que parte disso foi por eu estar em meios com homens gays, eu sinto que faltou para eu ter uma base, por justamente não ter um lugar feliz. Não tem para nós e não tem para a família ver isso também, minha mãe só depois de me aceitar e aceitar minha namorada entendeu que não era para enfrentar ela, a sociedade em si não tem um bom olhar em cima da lesbianidade.” Adrienne, 2022.

“Eu era apaixonada por um menino com 12 anos, e minha melhor amiga gostava e ficava com ele, e eu me espelhei nele demais, achando que era para ser notada por ele, descobri, tipo, semana passada, que eu queria que a minha amiga me visse como via ele, porque na real eu gostava dela e não dele”. Dominique, 2022.

Outra forma de entender a heterossexualidade compulsória e seus prejuízos para a mulher e, em destaque, para as lésbicas, é através do que Rich (2010) traz em seu ensaio ao falar sobre as instâncias que tal imposição prejudica a mulher na sociedade, como por exemplo no apagamento da existência lésbica (salvo momentos em que ela é vista como exótica ou perversa) em meios midiáticos como na literatura, na arte e no cinema, e na idealização do amor romântico e do casamento heterossexual.

“As pessoas acham que existe uma pressuposta regra de ter que se ‘assumir’ sobre como tu se identifica, e às vezes não é sobre isso, confiança não é apenas sobre tu afirmar que tu é LGBTQ+ e sim sobre como tu age com aquela pessoa. Assumirem que tu é hetero de primeira, é errado, é errado presumir que tu é hétero e esperarem que tu tenha que abrir a tua intimidade se não for.”
Genevieve, 2022.

Essa compulsão provoca então a interpretação de que a heterossexualidade é uma inclinação sexual e emocional natural para as mulheres, podendo considerar então as lésbicas como desviantes, patológicas e descompensadas, ou apenas resumindo-as a um “estilo de vida” (Rich, 2010). Essa interpretação vaza para os meios de entretenimento, onde a lésbica é apontada como a errada, a que merece punição ou a vilã da história.

“Nas séries é sempre uma que tem que ser hetero e a outra é a mais gay que transforma, como se fosse uma forçação, e já deu desse estereótipo, teria que ser algo mais natural. Tudo bem que a gente sofre, mas a gente precisa de referências boas, como a gente pode mostrar que tá tudo bem quando é sempre mostrado que não está tudo bem.” Clairo, 2022.

Esse vazamento fica ainda mais claro em filmes, como *Assunto De Meninas (Lost and Delirious - 2001)* por exemplo, onde a personagem principal acompanha a história amorosa de um casal de meninas, que acaba tragicamente com uma das garotas se relacionando com um homem para agradar a família e afastando sua companheira, que recorre ao suicídio para lidar com a separação. Uma das participantes da roda de conversa relatou o impacto do filme em sua vida na seguinte fala:

“Eu vi um filme na época que eu estava me descobrindo, que eu tive muita dificuldade em contar para os meus pais, hoje eles sabem que eu sou casada com uma mulher. Mas na época foi difícil, e eu vi esse filme que as meninas eram apaixonadas e

namoravam no colégio, teve toda a polêmica na escola e tal, e no fim dá para entender que uma das meninas se mata, ou seja, não tem como dar certo (ser lésbica)”. DeGeneres, 2022.

Um outro grande exemplo midiático com uma representação heterocentrada seria o premiado filme *Azul é a Cor Mais Quente (La Vie d'Adèle-2013)*, dirigido por um homem chamado Abdellatif Kechiche, que retrata o romance de Adèle e Emma, que começa após um relacionamento frustrado de Adèle com um rapaz e termina com Adèle traindo Emma, com quem ela era casada, com um homem por se sentir sozinha. É válido mencionar que tal filme é baseado nas histórias em quadrinhos *Le Bleu Est Une Couleur Chaude*, que conta uma história praticamente igual, mudando apenas o final, em que uma das protagonistas da história morre após se reconciliar com a sua ex-parceira.

“Em azul é a cor mais quente, eu me senti super desconfortável, não foi algo que me marcou e se marcou foi negativo, não me pegou, e depois vendo outras pessoas falando eu entendi o que me incomodava, foi um filme feito para homens imaginarem um relacionamento entre mulheres.” Clairó, 2022.

A questão se torna ainda mais complicada quando são buscados relatos dos bastidores do filme, tendo as protagonistas passado por diversos abusos entre as gravações das cenas, como as filmagens de cenas de sexo que duravam mais de dez horas consecutivas, causando machucados e sangramentos devido a uso ininterrupto de prótese nas partes íntimas, ou a violência física que era incentivada e repetida a mando do diretor em cenas de briga, segundo a matéria do UOL escrita por Gustavo Frank (2019). Nas rodas de conversa, essas críticas ao filme se destacam:

“Grandes problemas com esse filme, porque além de erotizar muito e fetichizar demais, é como as atrizes foram obrigadas a gravarem cenas de sexo e não estavam mais confortáveis. Porque não vira só sobre o apagamento ou uma má representação, é o corpo da mulher como fonte de lucro.” Dominique, 2022

Entretanto, na indústria literária, há uma maior liberdade de exploração e criação de histórias com conteúdos sáfcicos, isso porque o processo da escrita de um livro ou conto não passa pela filtragem de um produtor ou diretor de cinema, é a história escrita e publicada diretamente pela autora. Como menciona Polessio (2020), a literatura lésbica acaba criando metáforas que resistem ao modelo heterossexual, bem como questões relacionadas a vivência de mulheres reais, o que acaba por enfrentar e quebrar as ideias normativas da sociedade. Dessa forma, abre-se uma brecha, mesmo que pequena, para conhecer diferentes histórias que enfrentam a ideia de história única.

“Li o livro do Cinderela Está Morta, e é muito interessante porque não é sobre o relacionamento das meninas, é sobre desbancar o governo e o relacionamento delas é mais uma coisa que tá rolando, tipo Jogos Vorazes só que sáfico.” Dominique, 2022.

Ainda assim em muitos âmbitos a diversidade e existência lésbica são usadas como uma forma de chamar a atenção, e não como uma forma de retratar a vivência da lesbianidade. Um grande exemplo disso é a banda t.A.T.u. que, como relembra a matéria publicada por Tatiane Rosset em 2017, as integrantes performavam em videoclipes como se fossem lésbicas para chamar atenção da grande mídia. Nessa mesma matéria, uma das integrantes afirma que homem gay não é algo natural, e a outra integrante afirma que ser lésbica não é problemático por ser esteticamente mais bonito.

“E não é só nos filmes né, TATU também foi algo na mídia que fingia ser lésbicas para ganhar mídia, no fim nem eram, era só publicidade.” Adrienne, 2022.

Dessa forma, fica evidenciado que a vivência sáfica na mídia ainda ocorre de maneira distorcida, não levando em conta as múltiplas realidades e contextos que a lesbianidade se insere. Quando é mostrada, centra-se mais em questões dramáticas e histórias padronizadas, tendo algumas exceções que são prontamente consumidas pela comunidade lésbica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há uma aniquilação de subjetividades lésbicas em diversos campos da sociedade. Desde de sua existência no mundo real, com questões ligadas ao preconceito dentro da família, de ciclos sociais ou estudos relacionados à vivência da mulher lésbica, até sua existência em obras de ficção, elas são violentamente diminuídas ou resumidas em histórias únicas, que passam a ideia de não haver um final outro a não ser a heterossexualidade compulsória ou o apagamento da subjetividade construída. Apesar do surgimento de novas mídias trazendo uma representatividade condizente com as diversas existências sáficas, ainda há uma concepção distorcida que afetou e afeta a forma de uma mulher se reconhecer como lésbica.

Tais questões ajudam em um processo doloroso de negação da própria sexualidade, pois há essa grande concepção de invalidez que é reforçada pela sociedade e reforçada pela grande mídia, deixando a mulher sáfica sem referências da sua própria vivência, causando um grande sofrimento que a acompanha durante a sua descoberta. Dessa forma, subjetividades sáficas acabam ou sendo construídas tardiamente ou completamente apagadas, pois dificilmente há a oportunidade de se reconhecer como lésbica dentro do contexto social devido ao aniquilamento de histórias e vivências dentro e fora da mídia.

Entretanto, apesar do empenho da atualidade no sentido do sufocamento da vivência lésbica, através da tragicidade das histórias retratadas ou o cancelamento de séries com casais sáficos que mantêm uma relação similar a vivência lésbica real, há um esforço contínuo de mulheres lésbicas, como as donas dos canais Louie Ponto e Anna Bagunceira do YouTube por exemplo, de denunciar esse tipo de narrativa hegemônica e de exaltar narrativas diferenciais. Dito isso, podemos apontar que há um movimento contrário ao que se instaura no *mainstream* da atualidade, em que a população LGBTQIA+ busca criar e divulgar seus próprios espaços seguros, ainda que encontrando dificuldades em aumentar seu alcance e batendo de frente com o que já é comercializado atualmente.

Tendo isso em mente, há a necessidade de incentivar a busca e o consumo de mídias que retratam histórias diferentes da maioria, para que a vivência lésbica seja

entendida como uma gama de possibilidades e não como uma única história, para que a existência seja vista como algo possível de se realizar e não como algo que deve ser escondido ou suprimido, pois o contrário desse processo é adoecedor e pode fazer a mulher se sentir isolada, sozinha e errada, abrindo margem para quadros ansiosos e depressivos. Há diferentes possibilidades, há diferentes mídias que não chegam ao *mainstream*, mas que uma vez encontradas, podem causar uma grande sensação de pertencimento e alívio em mulheres que buscam a si mesmas em histórias que representam quem elas são.

Este artigo teve seu objetivo cumprido, mas além disso, também proporcionou a algumas mulheres sáficas um ambiente onde elas poderiam expressar suas angústias com as representações existentes. Pessoalmente, fazer parte do grupo me trouxe a sensação de pertencimento, de entender que essa questão da representatividade, tão abafada na mídia, não incomoda apenas a mim, e que é sim necessário colocar um holofote sobre essa problemática, pois afeta como a mulher lésbica enxerga a si mesma, ou melhor, como ela não se enxerga.

Em nosso último encontro aproveitamos para indicar filmes, livros, séries e artistas que consideramos que fogem desse modelo de história única, como uma forma de sair com uma sensação boa depois de um assunto tão complicado que afetava a todas nós. A busca por representatividades diferentes continua, mas poder falar, ser ouvida e acolhida por pessoas que sentem o mesmo que você já se torna parte de um processo de reconhecimento e pertencimento ofuscado quando se fala sobre produções narrativas sáficas.

REFERÊNCIAS

ABREU, K. C. Kr; SILVA, R. S. História e tecnologias da televisão, *Biblioteca Online de Ciências da Comunicação*. p. 1-12, 2012. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/abreu-silva-historia-e-tecnologias-da-televisao.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2022.

ADICHIE, C. *O perigo de uma história única*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

AMATO, B.; BARBOSA GOMES, A. .; DE AVILA MOREIRA, M. R. . EU NÃO SOU O HOMEM DA RELAÇÃO: ressignificação BUTCH como operação política, agenciamento pós-humano e transprodução de feminilidade. *Communitas*, [S. l.], v. 5, n. 9, p. 110–126, 2021. Disponível em:



<https://periodicos.ufac.br/index.php/COMMUNITAS/article/view/4607>. Acesso em: 18 jun. 2022.

ANNA Bagunceira: React, opinião e recomendações de séries e filmes voltados para o público lésbico. [Canal do Youtube]. Disponível em: <https://www.youtube.com/@annabagunceira>. Acesso em: 9 jul. 2023.

ANDRADE, B. K. L. C. D.; VIANNA, B. C. S. C. *Yu gonplei nou ste odon: uma análise da personagem Lexa de "The 100"*. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social), Universidade de Brasília, Brasília, 2017. 77 p. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/19977>. Acesso em: 7 jun. 2022.

BARBOSA, M. Televisão, narrativa e restos do passado. *E-Compós*, [S. l.], v. 8, 2007. DOI: 10.30962/rec.138. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/138>. Acesso em: 13 jun. 2022.

BUTLER, J. *Problemas de Gênero - Feminismo e Subversão de Identidade*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Imagem Virtual. 2003.

CARVALHO, V. A.; BENSEN, L. R.; Seria falta de imaginação ou pura preguiça? A produção de ontologias políticas a partir da performatização de identidades LGBTQ em séries de televisão. In: I Aquenda de Comunicação, Gêneros e Sexualidade. n° 1, 2018, Fabico, *Anais do I Aquenda Seminário Nacional de Comunicação, Gêneros e Sexualidades*. Porto Alegre, ago. 2018, p. 225 - 238. Disponível em: https://aquenda.files.wordpress.com/2019/04/aquenda_anais-2.pdf. Acesso em: 4 jun. 2022.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, *Tentativas de aniquilamento de subjetividades LGBTI*. 1ª ed. Brasília, 2019, 221 p. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/publicacao/tentativas-de-aniquilamento-de-subjetividades-lgbtis/>. Acesso em: 7 abr. 2022.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (Brasil). *Resolução nº 001/99 de 22 de março de 1999*. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999_1.pdf. Acesso em: 21 abr. 2022.

COSTA, L. B. da. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. *Revista Digital do LAV*, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 066–077, 2014. DOI: 10.5902/1983734815111. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/15111>. Acesso em: 23 jul. 2022.

ESCOLA, Equipe Brasil. "O que é homofobia?" Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/psicologia/homofobia.htm>. Acesso em: 18 dez. 2022.

FIGUEIRÊDO, A. A. F.; QUEIROZ, T. N.; A utilização de rodas de conversa como metodologia que possibilita o diálogo. In: *Fazendo Gênero 10: Desafios Atuais dos Feminismos*. 2012, Florianópolis, Seminário Internacional Fazendo Gênero 10, p. 1 - 10. Disponível em: http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1384186533_ARQUIVO_AlessandraAniceto.pdf. Acesso em: 25 mai. 2022.



FOUCAULT, M. *História da Sexualidade I A Vontade de Saber*. 13ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FRANK, G. A história oculta do abuso contra atrizes de “Azul é a Cor Mais Quente”. [online] Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/04/24/a-historia-ocultada-do-abuso-contras-atrizas-de-azul-e-a-cor-mais-quente.htm>. Acesso em: 27 out. 2022.

FREUD, Sigmund. A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher. In: *Além do Princípio de Prazer, Psicologia de Grupo e Outros Trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago. 1996. 91-109.

GALVÃO, W. Psicóloga que oferecia ‘cura’ para gays tem registro cassado no DF e fica impedida de exercer profissão; [Online]. Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2022/02/18/psicologica-que-oferecia-cura-para-gays-tem-registro-cassado-no-df-e-fica-impedida-de-exercer-profissao.ghtml>, Acesso em: 14 jun. 2022.

GIL, A. C. *Modos e técnicas de pesquisa social*. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONDIM, C. G; Pinturas rupestres: A representação da imaginação do homem primitivo. *Revista Temática*. Paraíba, n. 04, p. 1 - 11, abr. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/tematica/article/view/23751/13038>. Acesso em: 14 jun. 2022.

KINDATV. Carmilla - The Series. 2014. YouTube, 19 de agosto de 2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=h4QzRfvkJZ4&list=PLbvYWjKFvS5rX2yv-k5AJ8oxPoZ9zHcpe&index=1&ab_channel=KindaTV. Acesso em: 8 jul. 2023.

KROEF, R; GAVILLON, P; RAMM, L. Diário de Campo e a Relação do(a) Pesquisador(a) com o Campo-Tema na Pesquisa-Intervenção. *Estud. pesqui. psicol.* Rio de Janeiro, v. 02, n. 2, p. 464 - 480, ago. 2020. DOI: 10.12957/epp.2020.52579. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812020000200005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 29 jul. 2022.

LOURO, G. L; Cinema e sexualidade. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 81-97, jan/jun. 2021. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/129184>. Acesso em: 23 abr. 2022.

LOUIE Ponto: Opinião e criação de conteúdo com temáticas lésbicas. [Canal do Youtube]. Disponível em: <https://www.youtube.com/@louieponto>. Acesso em: 9 jul. 2023.

MACHADO, S. de S. QUANDO TODAS AS CORES DOS CINEMAS SÃO O AZUL, A COR MAIS FRIA: Uma Análise Sobre Produções Audiovisuais e Gênero. *Revista Observatório, [S. l.]*, v. 3, n. 1, p. 105–130, 2017. DOI: 10.20873/uft.2447-4266.2017v3n1p105. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/3320>. Acesso em: 31, mai. 2022.

MELLO, L.; BRAZ, C.; DE FREITAS, F. R. A.; DE AVELAR, R. B. Questões LGBT em debate: sobre desafios e conquistas. *Sociedade e Cultura*, Goiânia, v. 15, n. 1, p. 151

- 161, 2012. DOI: 10.5216/sec.v15i1.20680. Disponível em:
<https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/20680>. Acesso em: 16 abr. 2022.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Mulheres Lésbicas e Bissexuais Direitos, Saúde e Participação Social. Brasília. n. 1. 2013. p. 1 - 32. ISBN 978-85-334-2055-7. Disponível em:

https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/mulheres_lesbicas_bissexuais_direitos_saude.pdf. Acesso em: 11 mai. 2022.

MORENO, A. N. *A personagem homossexual no cinema brasileiro*. Tese (Mestrado em Artes) Instituto de Artes, UNICAMP, São Paulo. 1995. 148 p.

OLIVEIRA, E. T. de; VEDANA, K. G. G. Suicídio e depressão na população LGBT: postagens publicadas em blogs pessoais. *SMAD, Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas (Edição em Português)*, [S. l.], v. 16, n. 4, p. 32-38, 2020. DOI: 10.11606/issn.1806-6976.smad.2020.168145. Disponível em:
<https://www.revistas.usp.br/smad/article/view/168145>. Acesso em: 26 abr. 2022.

PASSOS, A. H. I; PUCCINELLI, B; ROSA, W. As narrativas hegemônicas como normativas excludentes: Raça, gênero e sexualidade. *Revista do Centro de Pesquisa e Formação*. São Paulo, nº 8, p. 7-22, jul. 2019. Disponível em:
<https://portal.sescsp.org.br/files/artigo/3386e89b/9b36/47c5/9714/e651441f98fc.pdf>. Acesso em: 27, abr. 2022.

PETERSEN, N. D; DANIELSEN, L. B; “Lexa was me”: A case study of clexa fandom grieving. *Kommunikation Og Digitale Medier*, Aalborg, p. 1 - 58, mai. 2017. (tradução minha). Disponível em:
https://www.academia.edu/36593962/_Lexa_was_me_A_case_study_of_Clexa_fandom_grieving. Acesso em: 8 jun. 2022.

POLESSO, N; Sobre Literatura Lésbica e Ocupação de Espaços. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*. Brasília. n. 61, 31 ago. 2019. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/elbc/a/M6fvQXLjWw8fjzjbCTn8RPv/?lang=pt>. Acesso em: 29 nov. 2022.

REDAÇÃO; Elástica Explica: Termos Juvêlicos. *Elástica*. [Online]. Disponível em:
<https://elastica.abril.com.br/especiais/termos-juvelicos-genero-atracao-aquileano-safica/#:~:text=Por%20exemplo%3A%20um%20relacionamento%20entre,pode%20ser%20chamado%20de%20sáfica>. Acesso em: 18 dez. 2022.

RIBEIRO, D. *O que é lugar de fala?* 1ª ed. Belo Horizonte: Letramento. 2017.

RICH, A. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. *Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades*, v. 4, n. 05, 2012. 18-44. Disponível em:
<https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2309>. Acesso em: 29 out. 2022.

RODRIGUES, C. Performance, gênero, linguagem e alteridade: J. Butler, leitora de J. Derrida. *Sexualidad, Salud y Sociedad*. Rio de Janeiro. n. 10, p. 40-164. abr. 2012. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/sess/a/MGFkQSZT8LVdcpXNvg3jYtD/?lang=pt#>. Acesso em: 29 jul. 2022.

RODRIGUES, A. P. R. *Representatividade LGBTQIA + na mídia: Uma análise da série The 100 acerca do anticonsumo*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Administração) Universidade Federal do Pampa, Santana do Livramento. 2022. 31 f. Disponível em:

https://dspace.unipampa.edu.br/bitstream/riu/7196/1/Ana_Paula__da_Rosa_Rodrigues.pdf. Acesso em: 7 jun. 2022.

ROSSET, T. Uma das cantoras “lésbicas” da dupla t.A.T.u disse que ser gay não é natural; assista e entenda a polêmica. [Online]. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/coluna/pop/uma-das-cantoras-8220-lesbicas-8221-da-dupla-t-a-t-u-disse-que-ser-gay-nao-e-8220-natural-8221-assista-e-entenda-a-polemica/>.

Acesso em: 29 nov. 2022.

SANTOS, D. M. S; et al. Nevermind: uma passagem do mainstream para o underground. *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*, Fortaleza, 2017. Trabalho apresentado no XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 2017. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2017/resumos/R57-1819-1.pdf>. Acesso em: 02 julho 2023.

SEDGWICK, E. K. A epistemologia do armário. *Cadernos Pagu*, n. 28, p. 19–54, jan. 2007. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/cpa/a/hWcQckryVj3MMbWsTF5pnqn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 out. 2023.

SILVA, F. G; Subjetividade, individualidade, personalidade, e identidade: concepções a partir da psicologia histórico-cultural. *Psicologia da Educação*. Jardim São Paulo, nº 28, p. 169 - 175. mai. 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/psicoeduca/article/view/43108>. Acesso em: 14 jun. 2022.

SOUZA, A. C. M; A comunidade LGBT na Alemanha nazista: A exclusão histórica de um grupo social. *Revista Outras Palavras*, Brasília, v. 18, n. 1, p. 44-59, fev. 2021. Disponível em:

<http://revista.faculdadeprojecao.edu.br/index.php/Projecao5/article/view/1779/1393>. Acesso em: 28 abr. 2022.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*, Campinas, v. 22, n. 44, p. 203–220, 2014. DOI: 10.20396/tematicas.v22i44.10977. Disponível em:

<https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977>. Acesso em: 2 dez. 2022.

WYNONNA Earp. Criação de Emily Andras. Canadá: Image Comics; Seven24 Films, 2016. Série exibida pelo SyFy . Acesso em: 8 jul. 2023.